

Arquivo Paleohistórico Global — Núcleo Atlântico

Documento Classificado — Liberado em 2641

Autor: Dr. Elias Norven

Especialidade: Geodinâmica Planetária / Hidrosfera Comparada

Data do registro original: 17 de agosto de 2640

Local: Plataforma Abissal Helios-7 (antiga Cordilheira dos Andes Centrais)

Registro Pessoal — Entrada 441

Hoje, ao revisar os mapas batimétricos reconstruídos, tornou-se impossível negar aquilo que evitamos nomear por quase dois séculos.

O nível médio dos oceanos encontra-se aproximadamente 5.870 metros acima do referencial geodésico pré-Evento.

Não se trata de um erro instrumental.

Não se trata de um artefato estatístico.

E definitivamente não se trata de um fenômeno climático.

A Terra mudou de estado.

1. O erro inicial da humanidade

Durante o século XXI, acreditávamos que o “nível do mar” era uma variável limitada por gelo, temperatura e expansão térmica.

Essa suposição revelou-se ingênuia.

Os modelos falharam porque partiam do pressuposto de um planeta estruturalmente estável.

Ele não era.

2. O primeiro sinal ignorado (2150–2220)

Os registros sísmicos profundos começaram a mostrar algo estranho:

- Redução gradual da viscosidade do manto superior
- Anomalias térmicas em regiões cratônicas consideradas estáveis
- Aumento inexplicável da liberação de vapor d’água em plumas mantélicas

À época, atribuímos isso a ruído estatístico.

Foi o primeiro erro grave.

3. O Evento de Degaseificação Global (2237–2410)

Hoje sabemos que o manto terrestre armazenava volumes colossais de água, quimicamente ligados a minerais de alta pressão.

Quando o equilíbrio térmico foi rompido — possivelmente por uma combinação de:

- aquecimento interno acelerado,
- extração energética profunda,
- e instabilidades nucleares do núcleo externo —
esses minerais começaram a se decompor.

O resultado foi um processo lento, porém inexorável:

A Terra começou a liberar sua água interna.
Durante quase dois séculos:

- vapor ascendeu pelas fraturas profundas,
- condensou-se na atmosfera,
- e retornou à superfície em forma de precipitação contínua.

Choveu por gerações inteiras.

4. O colapso da topografia continental

A água sozinha não explica os quase 6 km.
O segundo fator foi ainda mais devastador.
Com a redistribuição de massas internas:

- os continentes perderam sustentação isostática,
- planaltos colapsaram,
- cadeias montanhosas afundaram progressivamente.

O que antes era altitude tornou-se apenas memória geológica.
Os oceanos não “subiram” no sentido clássico.
A Terra afundou sob eles.

5. O último mapa antigo

O último mapa político reconhecível data de 2319.
Depois disso:

- fronteiras desapareceram,
- continentes fragmentaram-se em arquipélagos,
- e a ideia de “terra firme” tornou-se relativa.

As antigas cidades costeiras estão agora a três quilômetros abaixo da zona fótica.
Nenhuma estrutura humana pré-Evento permanece intacta.

6. O novo estado do planeta (2640)

Hoje, a Terra é classificada como: Mundo Oceânico Tipo II
Características atuais:

- 92% da superfície coberta por oceanos
- Pressão atmosférica 1,8× maior que a do século XXI
- Circulação oceânica profunda dominante
- Civilização humana distribuída entre:
 - plataformas flutuantes,
 - habitats submersos,
 - e infraestruturas orbitais

A vida persistiu. Mas o planeta que a abrigou... não. O maior erro não foi tecnológico. Foi conceitual. Acreditávamos viver sobre a Terra. Nunca percebemos que vivíamos em equilíbrio temporário com ela. O problema nunca foi o avanço do oceano. Foi a suposição de que a Terra permaneceria dentro dos limites que aprendemos a medir.

Encerramento do registro.

Assinado:

Dr. Elias Norven

Último Diretor do Instituto de Geodinâmica Continental
Plataforma Helios-7.